

# O CORVO, DE EDGAR ALLAN POE: AS DIFERENÇAS PRESENTES NAS TRADUÇÕES DE MACHADO DE ASSIS E FERNANDO PESSOA SOB A PERSPECTIVA DA GRADAÇÃO

Ana Carolina da Silva Menezes (UEA)

Vanúbia Araújo Laulate Moncayo (UEA)

**Resumo:** Esta pesquisa tem por objetivo analisar duas das traduções do poema *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, por intermédio da Gradação, idealizada por Martin e White (2005) e parte do Sistema de Avaliatividade. As traduções que foram selecionadas tratam-se das que foram realizadas por Machado de Assis e Fernando Pessoa. Serão analisadas as subcategorias de Foco e Força, ambos presentes na estrutura de Gradação, buscando contabilizar exemplos destas no texto original, em inglês, e identificar se estas são presentes ou não nas traduções mencionadas para identificar qual dos tradutores obteve um resultado mais próximo ao original em suas respectivas traduções, buscando considerar, também, os motivos pelos quais escolheram utilizar das subcategorias ou de outras formas de tradução diferenciadas.

**Palavras-chave:** Tradução; Gradação; Fernando Pessoa; Machado de Assis; O Corvo; Edgar Allan Poe.

## 1. Considerações Iniciais

O famoso poema *O Corvo* (ou, no original, *The Raven*), do escritor estadunidense Edgar Allan Poe, possui várias traduções nas mais diversas línguas, incluindo a Língua Portuguesa, na qual há destaque àquelas realizadas por dois grandes autores da literatura brasileira e portuguesa: a primeira tradução do conto feita por Machado de Assis, e a inovadora tradução de Fernando Pessoa. Com o surgimento e desenvolvimento de teorias que guiam os Estudos da Tradução, as pesquisas na área têm crescido consideravelmente, fazendo uso, por exemplo, da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004) e do Sistema de Avaliatividade (MARTIN E WHITE, 2005) para métodos de análise. Esta pesquisa tem como objetivo principal estudar as traduções por meio da perspectiva da Gradação, uma dimensão dentro da Avaliatividade, com o uso das especificações de suas subcategorias para coleta de dados do texto original para, por fim, analisá-las e agrupar os dados obtidos para fim de comparação. Quanto aos objetivos específicos, se busca identificar a presença das subcategorias de gradação no texto original de Poe, analisar os trechos traduzidos para compará-los e caracterizá-los de acordo com a presença ou não das subcategorias nestes trechos e, por fim, explicar os possíveis motivos das escolhas lexicais de cada tradutor.

A idealização deste artigo partiu do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (CNPq), por meio do qual, durante um ano (de agosto de 2017 a julho de 2018), a presente autora iniciou sua pesquisa no ramo dos Estudos da Tradução, tendo como foco principal a Linguística Sistêmico-Funcional, bem como o envolvimento com uma segunda língua, sendo esta, no caso, a inglesa. Por meio desta pesquisa inicial, buscou-se expandir os conhecimentos na área, principalmente no que se diz à Gradação e suas referidas subcategorias, visto que não houve maior oportunidade de trabalhá-las da forma proposta nesta pesquisa.

Esta pesquisa possui caráter bibliográfico e a organização do artigo é feita da seguinte maneira: no segundo tópico há aporte teórico que aborda brevemente um panorama sobre os Estudos da Tradução, bem como uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional e ao Sistema de Avaliatividade. No ponto seguinte será explanado, de forma mais específica, a Gradação, bem como suas categorias e subcategorias. No quarto tópico serão mostrados os detalhes da metodologia e da delimitação do *corpus* desta pesquisa, sendo seguido, no próximo ponto, pela análise e discussão dos dados e seus respectivos resultados. Por fim, as considerações finais acerca dos dados bibliográficos mencionados no desenvolvimento do texto.

## **2. Aporte teórico**

### **2.1. Um panorama sobre os Estudos da Tradução**

Durante muitos anos os Estudos da Tradução eram vistos e expostos como um processo automático do cérebro humano que, conhecendo as palavras estrangeiras, automaticamente as traduziria para sua língua materna. Na introdução de seu livro *Translation and Language*, Peter Fawcett (1997) descreve a relação entre a Linguística e os Estudos da tradução como “complicada”. A teoria dos Estudos da Tradução apenas começou a ser vista como parte da ciência da língua a partir da metade dos anos 60, quando John Catford, com seu livro *A Linguistic Theory of Translation*, defendeu a tese de que a tradução deveria ser incluída como uma ciência que faria parte da Linguística. Isso causou discursos divergentes no meio da alta comunidade linguística, porém, anos depois, a pesquisa em volta da tradução se expandiu, interligando-a a outras teorias e realizando cuidadosas análises sobre suas origens e métodos.

Inicialmente, os Estudos da Tradução também eram chamados por diversos nomes pelos estudiosos da área. Mona Baker (2001) menciona alguns destes, como “Ciência da Tradução” e “Tradutologia”, em francês. Atualmente, o termo “Estudos da Tradução” é o mais amplamente utilizado, ainda que o mesmo, durante certo tempo, segundo Baker (2001, p. 277), “implicaram mais ênfase nas traduções literárias e menos nas outras formas de tradução, incluindo a interpretação, bem como a falta de interesse em questões práticas como a pedagogia [...]”.<sup>1 2</sup> Com o passar dos anos e o aumento nas pesquisas sobre o assunto, Baker afirma que hoje o termo abrange muito mais do que apenas a literatura, pois inclui, também as formas de traduções não-literárias, como os atos de dublar e legendar. Em uma definição mais ampla do termo, Baker completa, dizendo:

Os estudos da tradução também são utilizados para cobrir todo o espectro de pesquisa e de atividades pedagógicas, desde o desenvolvimento de referenciais teóricos até a condução de estudos de caso individuais até o envolvimento em questões práticas como o treinamento de tradutores e desenvolvimento de critérios para avaliação da tradução. (BAKER, 2001, p.277)<sup>3</sup>

Baker (2001) explica que os estudos da tradução podem ser divididos em duas partes: estudos da tradução puros e estudos da tradução aplicados. Sobre o primeiro, indica que “Os estudos da tradução puros têm o objetivo duplo de descrever a o fenômeno da tradução quando eles ocorrem e desenvolver princípios para descrever e explicar tal fenômeno“. (BAKER, 2001, p. 278)<sup>4</sup>, o que acaba por dividir este primeiro tópico em mais duas ramificações: a primeira sendo os estudos da tradução descritivos e a segunda como a teoria da tradução. Por outro lado, os estudos da tradução aplicados possuem funções mais práticas, como dito por Baker no seguinte trecho:

Os estudos da tradução aplicados, a segunda maior divisão proposta por Holmes, cobre atividades que abrangem aplicações práticas específicas, sendo a mais notável o treinamento de tradutores, auxiliares como

---

<sup>1</sup> Todas as traduções realizadas apresentadas neste artigo são de total responsabilidade da autora. Foi utilizado o processo de tradução livre.

<sup>2</sup> “implied more emphasis on literary translations and less on other forms of translation, including interpreting, as well as a lack of interests in practical issues such as pedagogy [...]”

<sup>3</sup> Translation studies is also understood to cover the whole spectrum of research and pedagogical activities, from developing theoretical frameworks to conducting individual case studies to engaging in practical matters such as training translators and developing criteria for translation assessment.

<sup>4</sup>“pure translation studies has the dual objective of describing translation phenomena as they occur and developing principles for describing and explaining such phenomena”

dicionários, e bancos de termos, política da tradução e crítica da tradução. (BAKER, 2001, p. 278 e 279)<sup>5</sup>

Tanto as bases mais teóricas quanto as práticas dos Estudos da Tradução vêm sendo expandidas nos últimos anos, tendo esses conceitos básicos como ponto de partida e considerando, também, que os Estudos da Tradução estudam a si mesmos e apresentam novas descobertas por entre suas próprias ramificações, como afirmado por Mona Baker (2001).

Uma das teorias que deu suporte para a expansão dos Estudos da tradução foi a Linguística Sistêmico-Funcional, que pode ser definida como uma reinvenção da gramática normativa em um conceito sociocultural. Tendo sido idealizada por M. A. K. Halliday nas décadas de 60 e 70, a Linguística Sistêmico-Funcional – também conhecida como LSF – foi introduzida como uma teoria funcional porque aborda o estudo da linguagem por meio da noção de função e trabalha com a gramática para produzir e identificar significados. Em seu livro *An Introduction to Functional Grammar*, Halliday (2004, p. 140) afirma que para um gramático, um texto é uma produção rica e que pode ter vários significados. O gramático agirá perante o texto da seguinte forma:

Focando no texto como um objeto, um gramático poderia perguntar certas questões como: 'Por que o texto significa o que significa (pra mim, ou pra outra pessoa)?' 'Por que é valorizado como é?' Ao focar no texto como um instrumento, o gramático se perguntará sobre o que o texto revela sobre o sistema da linguagem na qual foi falado ou escrito. (HALLIDAY, 2004, p. 14)<sup>6</sup>

A LSF também especifica três metafunções para a linguagem, devido ao fato de que esta constrói a experiência humana (HALLIDAY, 2004). A primeira delas é a metafunção Ideacional. Sobre esta, Halliday (2004, p. 29) explica que “a linguagem fornece uma **teoria** da experiência humana, e certos recursos da lexicogramática de cada língua estão dedicados a essa função”<sup>7</sup>, ou seja, qualquer coisa da experiência humana pode ser transformada em significado.

---

<sup>5</sup> “Applied translation studies, the second major division proposed by Holmes, covers activities which address specific practical applications, most notably translator training, translation aids such as dictionaries and term banks, translation policy [...] and translation criticism.”

<sup>6</sup> “Focusing on text as an object, a grammarian will be asking questions such as: Why does the text mean what it does (to me, or to anyone else)? Why is it valued as it is? Focusing on text as instrument, the grammarian will be asking what the text reveals about the system of the language in which it is spoken or written.”

<sup>7</sup> “language provides a **theory** of human experience, and certain of the resources of the lexicogrammar of every language are dedicated to that function.”

Após a Ideacional, Halliday (2004) apresenta a metafunção Interpessoal, que sugere a língua como interativa e pessoal, ou seja:

A cláusula da gramática não é apenas uma figura, representando algum processo – alguns fazendo ou acontecendo, dizendo ou sentindo, sendo ou tendo – com seus vários participantes e circunstâncias; também é uma proposição, ou uma proposta, onde nós informamos uma questão, damos uma ordem ou fazemos uma oferta, e expressamos nossa avaliação e atitude para quem quer que seja que estamos nos dirigindo e sobre o que estamos falando. (HALLIDAY, 2004, p. 24)<sup>8</sup>

A última das metafunções é a Textual, que se aplica na construção de um texto (HALLIDAY, 2004). Enquanto as outras possuem funções mais relacionadas ao discurso, a metafunção Textual é considerada como uma função facilitadora.

Levando esses pontos em consideração, é possível concluir que o uso da língua é funcional, bem como seu objetivo é o de gerar significados que possuem interferência do meio social e cultural. Halliday (2004) também afirma que tudo o que for dito ou escrito apareceu em um contexto de uso. O texto, por si mesmo, pode assumir várias formas, sendo momentâneo ou não, efêmero ou não. E, por meio da LSF, é possível entender esse sistema linguístico.

## 2.2. Sistema de Avaliatividade

Martin e White, tendo em base a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday, criaram o Sistema de Avaliatividade, que, como definida pelos autores, (2005) é um modelo funcional da língua. Utilizando das perspectivas metafuncionais da LSF, a Teoria da Avaliatividade foi introduzida como “um sistema interpessoal no nível de discurso semântico”<sup>9</sup> (MARTIN E WHITE, 2005, p. 33), passando a relacionar o significado interpessoal com dois outros sistemas: negociação e envolvimento.

Esta avaliatividade é também dividida em três domínios de interação: “atitude”, “engajamento” e “gradação” (MARTIN E WHITE, 2005). Atitude diz respeito ao sentimento, incluindo reações emotivas, o valor dado a alguma coisa ou a forma que se julga uma ação; Engajamento trata das vozes que regem discursos e

---

<sup>8</sup> “The **clause** of the grammar is not only a figure, representing some process — some doing or happening, saying or sensing, being or having — with its various participants and circumstances; it is also a proposition, or a proposal, whereby we inform or question, give an order or make an offer, and express our appraisal of and attitude towards whoever we are addressing and what we are talking about.”

<sup>9</sup> “an interpersonal system at the level of discourse semantics.”

opiniões; a Gradação trabalha com o fenômeno da gradação do sentimento (ou significado), onde este pode ser intensificado ou diminuído através da escolha de palavras. Conforme dito por Martin e White (2005), a gradação tem a ver com o ajuste de intensificação ou não do valor de um sentimento.

### 2.2.1. Gradação

A gradação é abordada no terceiro capítulo do livro *The Language of Evaluation: appraisal in english*, que a introduz (MARTIN E WHITE, 2005) como uma escala alta ou baixa de significados, de acordo com a intensidade ou o grau que o falante ou escritor deseja empregar no enunciado. Martin e White consideram a gradação como parte do sistema de engajamento. Porém, diferente dele, na gradação o significado irá ser colocado em um tipo de escala e variará de forma mais ampla, enquanto no engajamento o significado apenas varia de acordo com a intensidade do falante.

Por ser tão abrangente, a gradação é dividida em duas categorias: foco e força. A primeira, foco, é definida por Martin e White como:

Gradação, de acordo com a prototipicidade (foco) se aplica mais tipicamente a teorias que, quando vistas de uma perspectiva experimental, não podem ser usadas em escala. [...] Nesse caso, a gradação opera para reconstruir essas categorias de uma forma que elas participem, em forma de escala, da prototipicidade. (MARTIN E WHITE, 2005, p. 137)<sup>10</sup>.

Ou seja, quando um tópico não pode ser reajustado para uma forma que represente um significado mais forte ou mais fraco sobre o que o falante/escritor quer demonstrar, a gradação reconstrói as categorias para que represente a intensidade necessária. O exemplo aplicado por Martin e White (2005, p. 137) utiliza o gênero musical *jazz*, dizendo:

*They don't play **real** jazz.*  
*They play jazz, **sort of**.*<sup>11</sup>

Como se pode notar no exemplo, o falante quer dizer algo relacionado à forma que determinados artistas executavam o gênero musical *jazz*. Contudo, o

---

<sup>10</sup> “Gradação, de acordo com a prototipicidade (foco) se aplica mais tipicamente a teorias que, quando vistas de uma perspectiva experimental, não podem ser usadas em escala. [...] Nesse caso, a gradação opera para reconstruir essas categorias de uma forma que elas participem, em forma de escala, da prototipicidade”.

<sup>11</sup> Eles não tocam *jazz de verdade*. / Eles tocam um *jazz mais ou menos*.

falante não estava satisfeito o suficiente e utilizou indicativos de intensidade pelo *jazz* não ser “de verdade” ou por ser “mais ou menos”. Essa visão do falante já é, como dito por Martin e White (2005), uma opinião reconstruída de acordo com uma semântica interpessoal, onde certos tipos de música possuem um estilo específico e, quando destoam deste, não podem ser considerados “de verdade”, apenas uma mera imitação. Também é possível utilizar o foco de forma positiva, como dito pelos autores (2005, p.138), em frases como “ele é um **grande** amigo” ou “ele é um pai **de verdade**”.

A força, por outro lado, já demonstra a ideia de intensificação ou quantificação. Sobre ela, Martin e White escreveram:

Como indicado, a força cobre as avaliações quanto ao grau de intensidade e quanto à quantidade. As avaliações do grau de intensidade podem operar por meio de qualidades [...], por meio de processos [...], ou por meio de modalidades verbais de probabilidade, normalidade, inclinação e obrigação. Nós aplicamos o termo ‘intensificação’ para nos referirmos a esta escala de qualidades e processos. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 140)<sup>12</sup>

Os graus de intensidade de cada um dos processos da força possuem diversos exemplos. Os de qualidade podem ser demonstrados por *um pouco bobo* ou *extremamente bobo*; *aquilo parou um pouco abruptamente* ou *aquilo parou muito abruptamente*. Os de processo podem ser exemplificados por: *isso nos atrapalhou um pouco* ou *isso nos atrapalhou grandemente*. Por último, os realizados pelas modalidades verbais mencionadas acima podem ser demonstrados em: *é simplesmente impossível que...* ou *é muito impossível que...* .

### 2.2.2.1 Subcategorias de foco

Além das contextualizações básicas apresentadas anteriormente, foco e força são, ainda, divididas em outras subcategorias. Foco pode conter as variações em escala mais intensa (*up-scaled*) ou menos intensa (*down-scaled*). A mais intensa também é chamada de acentuação (*sharpen*) e a menos intensa de atenuação (*soften*). Segundo os autores, na acentuação o fenômeno acontece em:

“[...] o efeito é para indicar o investimento máximo pela voz autoral na posição de valor (tanto negativa quanto positiva) sendo avançada e,

---

<sup>12</sup> “As indicated, force covers assessments as to degree of intensity and as to amount. Assessments of degree of intensity can operate over qualities [...], over process [...], or over the verbal modalities of likelihood, usuality, inclination and obligation. We employ the term ‘intensification’ to refer to this scaling of qualities and processes.”

consequentemente, alinhar fortemente o leitor à posição de valor que está sendo avançada”. (MARTIN E WHITE, 2005, p. 139)<sup>13</sup>

No caso de acentuação, o falante e/ou escritor utiliza de forma máxima o termo que busca empregar, como nos exemplos “um amigo **verdadeiro**” ou “um herói **genuíno**”. O adjetivo acrescentado nas frases não deixa dúvidas de que o enunciador possui total certeza do que está declarando.

Quando se trata da atenuação, há dois efeitos diferentes, dependendo da forma que é utilizado: negativo ou positivo. Ao ser empregado de forma negativa, o enunciador busca aliviar o termo a ser utilizado, de modo a fazer uma crítica ou afirmativa que tente não incomodar ou ofender quem pensa de maneira contrária, de forma a manter a solidariedade para com pensamentos diferentes (MARTIN E WHITE, 2005).

Diferente do modo negativo, o modo positivo da utilização da atenuação não é tão direto (MARTIN E WHITE, 2005). Ele faz uso de expressões como “**meio** inteligente” ou “**mais ou menos** bonito”, acentuando que mesmo um adjetivo considerado apenas positivo pode ser suavizado dependendo da forma com o qual é empregado na fala ou escrita de um enunciador.

### 2.2.2.2. Subcategorias de força

Voltando o olhar à categoria força, como dito anteriormente, é sabido que esta envolve intensificação e quantificação. Antes, porém, é importante ressaltar que:

[...] gradação tem a ver com ajustar o grau de uma avaliação – o quão forte ou fraco o sentimento é. Esse tipo de gradação é chamado de ‘força’; e suas realizações incluem intensificação, morfologia comparativa e superlativa, repetição e várias características grafológicas e fonológicas. (MARTIN E WHITE, 2005, p. 37)<sup>14</sup>

Neste caso, há duas formas de classificação: rebaixamento (*lower*) e elevação (*raise*). Reduzir se configura com o uso de **um pouco, um tanto, o mínimo** e derivados. Elevação traz o efeito contrário, com função de **tão, o/a maior, um tanto mais** e outros.

---

<sup>13</sup> “[...] the effect is to indicate maximal investment [by the authorial voice in the value position (either negative or positive) being advanced and hence to strongly align the reader into the value position being advanced.”

<sup>14</sup> “[...] graduation has to do with adjusting the degree of an evaluation – how Strong or weak the feeling is. This kind of graduation is called ‘force’; realisations include intensification, comparative and superlative morphology, repetition and various graphological and phonological features.”



Segundo Martin e White (2005) intensificação também pode ser dividida em duas grandes classes léxico-gramaticais: isolamento e infusão. O isolamento acontece quando um termo, sendo em escala mais intensa ou menos intensa, é utilizado de forma isolada para o significado que o enunciador deseja utilizar. A infusão ocorre quando o significado do termo serve tanto para indicar o efeito esperado pelo enunciador quanto para outra função semântica.

Para exemplificar somente os usos do isolamento, existem vários tipos. Listando, primeiramente os de escala mais ou menos intensa de qualidade:

- Pré-modificação de um adjetivo: **um pouco** miserável; **relativamente** miserável; **muito** miserável.
- Pré-modificação de um advérbio: **um tanto** abrupto; **muito** abrupto.

Agora, os de processo verbal e de modalidades, respectivamente:

- Isso me irrita **levemente**; isso me irrita **um pouco**; isso me irrita **muito**.
- **Um pouco** possível; **bem** possível; **muito** possível; **extremamente** possível.

Outra subcategoria da intensificação é a maximização. Sobre esta, os autores escrevem: “No canto superior mais extremo de uma escala de intensificação estão localizados os valores que foram chamados como ‘maximizadores’ – locuções que constroem a escala sendo as intensidades mais altas possíveis”<sup>15</sup> (MARTIN E WHITE, 2005, p. 142). Tal utilização, proveniente da intensificação, é utilizada quando o enunciador busca frisar uma informação com os termos mais impactantes possíveis, como: “**totalmente** miserável”, “**absolutamente** triste” ou “**perfeitamente** feliz”. Segundo Martin e White (2005), esses maximizadores também incluem expressões de usualidade que são usadas de forma hiperbólica ou não, como “eu estou **sempre** pensando nela” ou “esse portão é usado **constantemente**”.

Há ainda mais duas subcategorias importantes, sendo uma delas presente nos modos de intensificação e a outra na intensificação por processo verbal: repetição e metáfora, respectivamente (MARTIN E WHITE, 2005). Repetição se manifesta de duas formas: a primeira por meio da repetição do mesmo item lexical, como na frase “Nós **rimos e rimos e rimos**”, que demonstra tanto o longo tempo

---

<sup>15</sup> “At the upper-most end of the scale of intensification are located value which have been termed ‘maximisers’ – locutions which construe the up-scaling as being at the highest possible intensity.”

que o enunciador passou rindo quanto a intensidade de tais risadas; dependendo do contexto da frase escrita ou falada, a repetição pode ser atribuída a diversas aplicações e interpretações. A segunda forma é a repetição por meio do uso de termos parecidos semanticamente, como exemplificado por Martin e White (2005, p. 144): “De fato isto foi provavelmente o mais imaturo, irresponsável, vergonhoso e enganoso discurso já feito por um Primeiro Ministro Britânico”.<sup>16</sup>

A segunda e última subcategoria a ser mencionada é de intensificação por meio de metáfora. Conforme os autores (MARTIN E WHITE, 2005, p. 147), “Sentidos figurados (metáforas e similares) também são ocasionalmente empregados na intensificação dos processos. Esses ocorrem tanto por meio de isolamento quanto por meio de infusão”.<sup>17</sup>. A intensificação em metáfora por meio de isolamento pode ser exemplificada de forma que a mesma fica apenas no final da frase ou de forma isolada em uma sentença. Um exemplo poderia ser “Ele caiu **feito jaca madura**”, que indica que a queda sofrida pelo sujeito foi violenta ou exagerada. Esse tipo de intensificação depende muito da cultura e das expressões ou gírias de cada país, cidade ou povo. Por outro lado, a metáfora utilizada por meio de infusão envolve um tipo de deslexicalização (MARTIN E WHITE, 2005). Como exemplo para tal afirmativa, “Os preços **subiram até o céu**” demonstra um termo já conhecido e convencional, ou seja, são tão comumente utilizados que, muitas vezes, o próprio enunciador não reconhece como metáfora.

### 3. Metodologia

A pesquisa apresentada neste trabalho é de levantamento bibliográfico, utilizando, primeiramente, da análise do texto original, em inglês, para identificação das subcategorias empregadas ao longo do texto. Após esta categorização, será feita a comparação dos trechos junto de suas traduções, fazendo também uso de dicionário para verificação de termos da língua inglesa, tendo em vista a perspectiva da gradação, para identificar a utilização ou não utilização das subcategorias de gradação nos trechos para, finalmente, agrupar os dados obtidos em forma de tabelas e porcentagem, visando constatar qual dos tradutores obteve mais sucesso nos processos tradutórios.

---

<sup>16</sup> “In fact it was probably the most **immature, irresponsible, disgraceful and misleading** address ever given by a British Prime Minister”

<sup>17</sup> “Figurative meanings (metaphor and simile) are also occasionally employed in the intensification of process. These occur both under isolation [...] and under infusion”

### 3.2. Delimitação do *corpus*

Foram selecionadas duas das traduções mais importantes do poema *The Raven*, de Edgar Allan Poe, para a língua portuguesa. O poema foi originalmente publicado em 1845, na revista americana *American Review*. Machado de Assis e Fernando Pessoa, dois dos mais conhecidos autores de literatura brasileira e portuguesa, realizaram traduções do mesmo texto, mas utilizando de palavras, adaptações, rimas e construções textuais diferentes, com um espaço de pouco mais de 40 anos entre as duas traduções.

A poesia original de Poe possui uma riqueza única, tornando o ato da leitura imersiva, que propicia ao leitor o sentimento de nervosismo, medo e tristeza do narrador-protagonista. Esses aspectos, bem como a presença do jogo de palavras, rimas e expressões escritas de forma a representar as falas do personagem de acordo com a linguagem falada, os tradutores tinham um delicado e extenso trabalho ao tentar reproduzir esse texto em outra língua, como dito por Mafra e Schrull (2011, p.10): “Trata-se de uma tarefa bastante complexa em se tratando das várias composições linguísticas e conceituais expressas no poema, marcado por seus jogos prosódicos, rítmicos, lexicais.” Abaixo, e para exemplificar o que foi dito, consta a primeira estrofe de *The Raven*:

*“Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary,  
Over a many quaint and curious volume of forgotten lore—  
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,  
‘This some visiter,’ I muttered, ‘tapping at my chambre door—  
Only this and nothing more”*

Machado de Assis foi o primeiro a traduzir o poema para o português, cerca de 38 anos após a publicação do original. É perceptível como Machado, enquanto tradutor e utilizando de seu conhecimento e julgamento próprio – pois utilizava da liberdade que possuía como (re)escritor –, apresentou *O Corvo* de forma inovadora. Ao mesmo trecho, na clássica tradução machadiana, lê-se:

*“Em certo dia, à hora, à hora  
Da meia noite que apavora,  
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,  
Ao pé de minha lauda antiga,  
De uma velha doutrina, agora morta,*

*la pensando, quando ouvi à porta  
Do meu quarto um soar devagarinho,  
E disse estas palavras tais:  
‘É alguém que me bate à porta de mansinho;  
Há de ser isso e nada mais”.*

Percebe-se que Machado de Assis alterou até mesmo a forma fixa visual do poema, ao compará-lo com a do original, tendo mais linhas e menos texto por verso. Gledson afirma, sobre esse fato, que:

Em muitas das suas traduções, Machado muda o talhe do verso original para se dar mais liberdade. Em *The Raven*, inventa um outro, muito diferente do original, tão rígido quanto, e que, sobretudo, consegue usar de maneira a permitir um ritmo natural e suficientemente variado (GLEDSON, 1998, p.10).

Quando se trata da tradução de Fernando Pessoa, datada de 1924, pode-se afirmar que a tradução realizada por Pessoa tentou ser o mais fiel possível à forma do poema original. Mafra e Schrull apontam que:

Segundo o próprio autor, o objetivo dessa tradução era preservar ao máximo os componentes rítmicos presentes no original. Com objetivos bem delimitados, Pessoa apresenta a sua tradução com o mesmo número de versos e estrofes do poema em inglês (MAFRA E SCHRULL, 2011, p.12).

Pessoa realiza algumas mudanças em sua tradução, como, por exemplo, a alteração e omissão de alguns nomes utilizados por Poe, bem como manteve aspectos formais presentes no original. O mesmo trecho de O Corvo traduzido por Fernando Pessoa mostra-se da seguinte maneira:

*“Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,  
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,  
E já quase adormecia, ouvi o que parecia  
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.  
‘Uma visita’, eu me disse, ‘está batendo a meus umbrais.  
É só isto, e nada mais.”*

Mantendo em vista as diferenças já mostradas entre as duas traduções e as características presentes na teoria da gradação, buscou-se identificar no texto original o maior número de exemplos das subcategorias anteriormente apresentadas. Como mostrado, os tradutores realizaram as alterações que

acreditavam ser necessárias e isso se reflete diretamente no emprego das formas de intensificação que escolheram utilizar ou não em determinados trechos.

#### 4. Análise e resultados obtidos

A seguir, em forma de tabelas, estão reunidos os resultados obtidos por meio da metodologia apresentada previamente. Estes foram divididos em duas tabelas principais, contendo, primeiramente, os trechos do poema original, seguido da(s) subcategoria(s) presente(s) nestes, a tradução de um dos autores – sendo Machado de Assis nomeado como M.A. e Fernando Pessoa como F.P. – e, por fim, o resultado, onde, quando a mesma subcategoria houver sido respeitada constará como “Seguiu” e, ao contrário, como “Não seguiu”, fazendo referência às escolhas dos tradutores quanto aos determinados excertos. Em casos que o tradutor realizar a tradução de apenas uma parte do trecho, constará como “Seguiu parcialmente”.

##### 4.2. Resultados referentes à tradução de Machado de Assis

Tabela 1: resultados referentes à tradução de Machado de Assis

<b>Original</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Tradução M. A.</b>	<b>Resultado</b>
“gently rapping, rapping”.	Intensificação por repetição	“um soar devagarinho”.	Não seguiu
“Eargely, I wished the morrow”.	Intensificação por processo verbal	“Eu, ansioso pelo sol”.	Não seguiu
“Nameless here for evermore”.	Maximização	“E que ninguém chamará mais”.	Seguiu
“Sir”, said I, “or Madam, truly your forgiveness, I implore”.	Acentuação	“Imploro de vós, – ou senhor ou senhora, me desculpeis [...]”.	Seguiu
“so gently you came rapping”.	Elevação/intensificação por processo verbal	“e tão de manso e manso bateste”.	Não seguiu
“so faintly you came tapping”.	Elevação/intensificação por processo verbal	Não traduziu	–
“wondering, fearing, doubting, dreaming dreams no mortals ever dared to dream before”.	Intensificação por repetição (uso de termos parecidos semanticamente)	“[...] escruto a sombra, que me amedronta, que me assombra, e sonho o que nenhum mortal há já sonhado”.	Seguiu parcialmente

“Somewhat louder”.	Intensificação por processo verbal	“Soa um pouco mais forte”	Seguiu
“so plainly”.	Elevação/intensificação por processo verbal	“Seguramente [...]”	Seguiu
“little meaning”.	Rebaixamento	Não traduziu	–

Continua

Tabela 1: resultados referentes à tradução de Machado de Assis

Original	Subcategorias	Tradução M. A.	Resultado
“little relevancy”	Rebaixamento	“Difícilmente lhe entendera”.	Não seguiu
“On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before”.	Intensificação de processos: metáfora	“Perderei também este em regressando a aurora”.	Não seguiu
“Followed fast and followed faster”	Escala mais ou menos intensa de modalidade	“Tão tenaz, tão sem pausa, tão sem fadiga”	Não seguiu
“ungainly, gastly, gaunt and ominious bird of yore”	Intensificação por repetição (uso de termos parecidos semanticamente)	“Vou sentar-me defronte ao corvo <u>magro e rudo</u> ; /E mergulhando no veludo / Da poltrona que eu mesmo ali trouxera / Achar procuro a <u>lúgubre quimera</u> , / A alma, o sentido, o pávido segredo / Das sílabas fatais, / Entender o que quis dizer a <u>ave do medo</u> ”.	Seguiu parcialmente
“And the raven, never flitting”.	Maximização	“E o corvo aí fica”.	Não seguiu
“still is sitting, still is sitting”	Intensificação por repetição	“ei-lo trepado”.	Não seguiu

Fonte: organizado pela autora.

Ao verificar as traduções dos 16 exemplos obtidos, percebeu-se que Machado de Assis seguiu o utilizado por Poe em apenas 25% dos casos (4 vezes). Por outro

lado, nas situações em que não foi apresentado as características das mesmas subcategorias foram o dobro dessas, totalizando 8 vezes ou 50% dos casos, onde Machado alterou o que acreditava ser necessário para manter o sentido original, por mais que precisasse omitir alguns trechos. Além disso, o estilo escolhido pelo autor é muito único, tendo em vista que ele até mesmo acrescentou elementos não presentes no original, como, por exemplo, quando utiliza “lúgubre quimera” em sua tradução.

Também foram investigados dois exemplos em que Machado de Assis seguiu parcialmente o original de Poe (12,5%, ou 2 casos), onde utilizou da mesma lógica. Mas, por motivos como a rima e a construção das frases, optou por não traduzir na íntegra o que Poe havia dito, como no caso em que Poe utilizou quatro verbos – *wondering, fearing, doubting, dreaming* – e Machado apenas fez uso de três: “que me amedronta, que me assombra, e sonho”. Por fim, também foram coletados dois exemplos (ou 12,5%) que Machado não chegou a traduzir. Onde Poe utilizou “[...] *so gently you came rapping, / And so faintly you came tapping*”, Machado utilizou apenas de “[...] e tão de manso e manso / Batestes [...]”, que possui o mesmo efeito, mas não com a ênfase necessária.

#### 4.3. Resultados referentes à tradução de Fernando Pessoa

Tabela 2: Resultados referentes à tradução de Fernando Pessoa

Original	Subcategorias	Tradução F. P.	Resultado
“gently rapping, rapping”.	Intensificação por repetição	“batia levemente”	Não seguiu
“Eargely, I wished the morrow”.	Intensificação por processo verbal	“Como eu qu’ria a madrugada”.	Não seguiu
“Nameless here for evermore”.	Maximização	“Mas sem nome aqui jamais”.	Seguiu
“Sir”, said I, “or Madam, truly your forgiveness, I implore”.	Acentuação	“‘Senhor’, eu disse, ‘ou senhora, decerto me desculpais”.	Não seguiu
“so gently you came rapping”.	Elevação/intensificação por processo verbal	“quando vieste batendo”.	Não seguiu
“so faintly you came tapping”.	Elevação/intensificação por processo verbal	“tão levemente batendo”.	Seguiu

“wondering, fearing, doubting, dreaming dreams no mortals ever dared to dream before”.	Intensificação por repetição (uso de termos parecidos semanticamente)	“fiquei perdido receando, dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou jamais”.	Seguiu
“Somewhat louder”.	Intensificação por processo verbal	“novo som batendo mais e mais”.	Não seguiu

Continua

Tabela 2: Resultados referentes à tradução de Fernando Pessoa

<b>Original</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Tradução M. A.</b>	<b>Resultado</b>
“so plainly”.	Elevação/intensificação por processo verbal	“tão claro”.	Seguiu
“little meaning”.	Rebaixamento	“pouco sentido”	Seguiu
“little relevancy”	Rebaixamento	Não traduziu	–
“On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before”.	Intensificação de processos: metáfora	“Todos - todos já se foram. Amanhã também te vais”.	Não seguiu
“Followed fast and followed faster”	Escala mais ou menos intensa de modalidade	“Seguiram até [...]”.	Não seguiu
“ungainly, gastly, gaunt and ominous bird of yore”	Intensificação por repetição (uso de termos parecidos semanticamente)	“esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais”.	Não seguiu
“And the raven, never flitting”.	Maximização	“E o corvo, <u>na noite infinda</u> ”.	Seguiu parcialmente
“still is sitting, still is sitting”	Intensificação por repetição	“está ainda, está ainda”	Seguiu

Fonte: organizado pela autora.

Nesta tabela, foram estudados os mesmos 16 exemplos das subcategorias encontradas no texto original, com a diferença da tradução de Pessoa. Semelhante ao que foi visto em Machado de Assis, também foi encontrado um resultado de 50% de não utilização das mesmas subcategorias, com 8 ocorrências onde Pessoa



realizou adaptações em sua tradução. Por outro lado, Fernando Pessoa obteve sucesso na tradução de 6 casos, ou 37,5% das categorias, diferindo dos 25% de Machado. Também foram constatados um exemplo de não tradução e um caso em que a tradução seguiu parcialmente o original de Poe, totalizando 6,25% nas duas situações. Pessoa utilizou “E o corvo, na noite infinda” para o “*And the raven, never flitting*” de Poe, o que acarreta na mesma utilização de subcategoria, mas com um sentido diferente, onde Pessoa se refere à noite como infinita, e Poe ao fato do corvo não se mover ou voar.

#### 4.4. Comparativo dos resultados obtidos

Tabela 3: Comparação dos resultados obtidos

Tradutor	Seguiu	Não seguiu	Seguiu parcialmente	Não traduziu
<b>Machado de Assis</b>	25%	50%	12,5%	12,5%
<b>Fernando Pessoa</b>	37,5%	50%	6,25%	6,25%

Fonte: organizado pela autora.

A tabela acima reúne os resultados gerais da análise. Apesar de um resultado igual no item Não seguiu, Machado e Pessoa não utilizaram das subcategorias em pontos distintos do texto, o que comprova a individualidade de cada texto traduzido proposta por Baker (2001). O fato de terem seguido parcialmente alguns trechos e não traduzido outros se dá pelo mesmo motivo, pois os tradutores buscavam manter o esquema de rimas do original e também a mesma quantidade de versos, no caso da tradução de Pessoa. Além disso, provavelmente tentaram manter a mesma carga de sentido empregada por Poe, levando em consideração os aspectos culturais em que estavam inseridos. O resultado acima se mostra desta forma devido a estes pontos específicos do processo de tradução.

## 5. Considerações finais

O papel do tradutor vai além da ação de transferir um material em uma língua para outra. Seja este material poesia, prosa, áudio ou fala, cada tradução carregará individualidades do tradutor. O processo tradutório é um trabalho complexo: além da tentativa de manter o que o autor original escreveu da forma mais próxima possível, há também a necessidade de adaptar certos trechos para que o futuro leitor venha a

entender o que ali foi exposto, o que exige um profundo conhecimento cultural e semântico-linguístico, tanto da língua do texto original quanto da língua-alvo. Machado de Assis e Fernando Pessoa, quando tradutores, buscaram empregar termos e palavras que mantivessem o significado do original, mantendo as constantes rimas de Edgar Allan Poe em *O Corvo*, mesmo que, para isso, utilizassem de outras formas de expressão que não as subcategorias de gradação apresentadas previamente. Por meio dos resultados obtidos e, levando em conta apenas os aspectos das subcategorias, é possível afirmar que Fernando Pessoa foi o tradutor que obteve resultado mais próximo ao adaptar o texto de Poe.

Por ser uma pesquisa inovadora, a análise pautada no Sistema de Avaliatividade e na Gradação traz novas contribuições para a academia, visto que sua aplicabilidade nos Estudos da Tradução ainda encontra-se em desenvolvimento no estado do Amazonas. Não obstante, há muitos outros aspectos que rondam o âmbito dos Estudos da Tradução, como as características sociais, culturais e históricas que também possuem sua devida importância durante a produção de uma tradução. Assim, outras especificações da Gradação podem ser aplicadas em análises, deixando uma oportunidade de resultados futuros em pesquisas na área de reescrita de um texto por meio dos processos de passagem de um código para outro sem a perda da essência da obra original.

## **Referências**

BAKER, Mona **Translation Studies**. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. New Fatter Lane, Londres: Routledge, 2001.

BARRETO, Eleonora Frenkel. **O original na tradução de Machado de Assis**. *Scienza Traductionis*, n. 4, jun. 2007.

BONACIN, Larissa Degasperri; SCHÄFFEL, Dicleia Maria Bastos. **Tradução poética: “O corvo” aos olhos de Machado de Assis e Fernando Pessoa**. *Eletras*, vol. 20, n. 20, jul. 2010

FAWCETT, Peter. **Translation and Language**. Manchester, Reino Unido: St. Jerome: 1997.

GLEDSON, John. **De Lamartine a La Fontaine. As traduções poéticas de Machado de Assis**. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Machado de Assis & Confrades de versos**. São Paulo: Minden, 1998.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. Londres: Hodder Arnold, 2004.

MAFRA, Adriano. SCHRULL, Monique. **Análise de quatro traduções do poema The Raven de Edgar Allan Poe.** Revista Translatio, vol. 2, 2011.

MARTIN, J. R. WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: appraisal in English.** Londres: Palgrave Macmillan, 2007.

SHUTTLEWORTH, Mark. COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies.** New Fatter Lane, Londres: Routledge, 2014.